

ECOSSISTEMAS OBSCUROS: UMA PROPOSTA ESTÉTICA

***ECOSISTEMAS OSCUROS: UNA PROPUESTA
ESTÉTICA***

***DARK ECOSYSTEMS: AN AESTHETIC
PROPOSAL***

Lilian Lacerda

liliansantoslacerda@gmail.com

RESUMO

Este ensaio propõe uma reflexão acerca da criação artística orientada pelo conceito de ecologia obscura formulado pelo filósofo Timothy Morton. As obras surgem da preocupação com a interação entre seres humanos e o meio ambiente, destacando a capacidade da arte de desafiar percepções convencionais da natureza. Por meio da técnica de colagem analógica, essas obras buscam questionar as distinções entre sujeito e objeto, humano e não-humano, promovendo uma nova abordagem estética e ética em relação à natureza. Com base nos princípios de Morton, como hiperobjetos e ontologia centrada nos objetos, defende-se que a arte pode servir como uma forma simbólica e expressiva para coexistir com os desafios dos "ecossistemas ocultos" da era do Antropoceno.

Palavras-chave: ecologia obscura, colagem, hiperobjetos, estética crítica, Antropoceno.

RESUMEN

Este ensayo propone una reflexión sobre la creación artística, guiada por el concepto de ecología oscura formulado por el filósofo Timothy Morton. Las obras surgen de la preocupación por la interacción entre los seres humanos y el medio ambiente, destacando la capacidad del arte para desafiar las percepciones convencionales de la naturaleza. Mediante la técnica del collage analógico, estas obras buscan cuestionar las distinciones entre sujeto y objeto, humano y no humano, promoviendo una nueva aproximación estética y ética a la naturaleza. Basándose en los principios de Morton, como los hiperobjetos y la ontología centrada en el objeto, se argumenta que el arte puede servir como una forma simbólica y expresiva para coexistir con los desafíos de los "ecosistemas ocultos" del Antropoceno.

Palabras clave: ecología oscura, collage, hiperobjetos, estética crítica, Antropoceno.

ABSTRACT

This essay proposes a reflection on artistic creation guided by the concept of dark ecology formulated by the philosopher Timothy Morton. The works arise from a concern with the interaction between human beings and the environment, highlighting art's capacity to challenge conventional perceptions of nature. Through the technique of analog collage, these works seek to question the distinctions between subject and object, human and non-human, promoting a new aesthetic and ethical approach to nature. Based on Morton's principles, such as hyperobjects and object-centered ontology, it is argued that art can serve as a symbolic and expressive form to coexist with the challenges of the "hidden ecosystems" of the Anthropocene era.

Keywords: dark ecology, collage, hyperobjects, critical aesthetics, Anthropocene.

Esta pesquisa-criação em colagem analógica é fruto do desejo de investigar, refletir e reelaborar o conceito de ecossistema, orientada por uma inquietação: a não apenas tematizar a natureza como “paisagem” ou “recurso”, mas a me implicar num jogo de espelhos e abismos: perceber a Terra como algo que também me olha, me toca e me transforma. Ao longo desse processo investigativo, encontrei no conceito de ecologia obscura, de Timothy Morton, um ponto de inflexão que tornou minha prática ainda mais inquietante e potente.

No âmbito da criação artística, a colagem permite tornar visível a falência das fronteiras entre o humano e o não-humano, entre o natural e o artificial. Assim, ao pensar as obras como um gesto ético, surge a possibilidade de reconfigurar as imagens e, assim, as próprias formas de perceber o mundo. O gesto do artista é, a seu modo, um

gesto ecológico — e obscuro — pois lida com restos, com o indesejado, com o que se quer ocultar.

Cada obra carrega em si essa consciência: a colagem como metáfora para o ecossistema obscuro, um campo de forças em que tudo está colado a tudo. A arte torna visível o que os olhos se recusam a ver: que não há “fora” da Terra, e que as sobras — ecológicas e humanas — nos pertencem.

Ao compor uma obra, sob a inspiração da ecologia obscura, não apenas denuncia a crise ambiental, mas convoca à responsabilidade ética e estética para com o planeta. A arte tem o potencial de abrir brechas na percepção, de provocar uma consciência crítica frente à naturalização da devastação. Ao mesmo tempo, rejeita a idealização romântica de uma “natureza pura”, para reconhecer a escuridão e a densidade do real.

Neste sentido, este ensaio sustenta que a criação artística pode contribuir para novas formas de coexistência — menos dominadoras e mais respeitosas — no interior do ecossistema. Trata-se de habitar a Terra com a consciência de que não somos senhores, mas partes, coexistindo com outras entidades.





















